

O DISCURSO COLONIZADOR CAMUFLADO DE CIÊNCIA NA AMAZÔNIA DO SÉCULO 19

THE CAMOUFLAGE COLONIZING DISCOURSE OF SCIENCE IN THE AMAZON OF THE 19TH CENTURY

Déborah Tays Silva dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir a(s) maneira (s) em que o discurso científico que estava em destaque na Europa chega a Amazônia dos Oitocentos e passa a fazer parte de um conjunto de mecanismos de colonização. Diante de um cenário em que buscavam desvendar os mistérios sobre a origem das espécies e, no Brasil, definir a identidade nacional partimos do problema de que esse discurso tece teorias baseadas em ideias imperialistas e racistas que influenciaram e influenciam na construção de um espaço representado pelo atraso e composto por indivíduos selvagens. A Amazônia ocupará chamará a atenção das civilizações do velho mundo, posto que aqueles que detivessem o controle dessa imensa região rica em recursos naturais e uma possível mão de obra significava estar no topo do sistema imperialista. Para entender como esse discurso científico ganha destaque e passa a legitimar ações colonizadoras analisamos as obras de alguns intelectuais como Lilian Schwarcz (1993), Hideraldo Costa (2013), Neide Gondim (2019) e Márcio Souza (2019). Bem como revisitamos as produções de um dos viajantes que esteve na Amazônia neste período e produziu um vasto material sobre a região, Henry Walter Bates (1848-1859). Ao longo deste estudo nota-se como esses discursos construídos sobre as primícias da ciência irão se tornar a base das justificativas para ações de dominação e colonização do espaço e do ser amazônico.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Ciência; Colonização; Discurso.

ABSTRACT

This article aims to discuss the manner (s) in which the scientific discourse that was highlighted in Europe reaches the Amazon of the nineteenth century and becomes part of a set of colonization mechanisms. Faced with a scenario in which they sought to unravel the mysteries about the origin of species and, in Brazil, to define national identity, we start from the problem that this discourse weaves theories based on imperialist and racist ideas that influenced and influence the construction of a space represented by late and composed of wild individuals. The Amazon will occupy will draw the attention of old world civilizations, since those who held control of this immense region rich in natural resources and a possible workforce meant being at the top of the imperialist system. To understand how this scientific discourse gains prominence

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História PPGH – UFAM. Participou na condição de bolsista de Iniciação a Docência do Subprojeto PIBID-História do Programa de Iniciação a Docência - PIBID, na UFAC, Campus Rio Branco, no período de Abril de 2017 a Fevereiro de 2018. Atuou como residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica/UFAC de Licenciatura em História, no período de Agosto de 2018 a Janeiro de 2020. E-mail: deborah00@gmail.com.

and legitimizes colonizing actions, we analyze the works of some intellectuals such as Lilian Schwarcz (1993), Hideraldo Costa (2013), Neide Gondim (2019) and Márcio Souza (2019). As well as revisiting the productions of one of the travelers who was in the Amazon during this period and produced a vast material about the region, Henry Walter Batters (1848-1859). Throughout this study, it is noted how these discourses built on the first fruits of science will become the basis for justifications for actions of domination and colonization of space and the Amazonian being.

KEYWORDS: Amazon; Science; Colonization; Discourse.

1. INTRODUÇÃO

Por séculos a Amazônia foi objeto de curiosidades e inquietações de várias potenciais do Velho Mundo, entre elas a Inglaterra, França, Espanha e Portugal. “*A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante*”². Com sua imensidão territorial e rica em recursos naturais atraiu aventureiros, religiosos e cientistas que buscavam respostas escondidas nas partes mais remotas do mundo que conheciam.

É possível observar que a Amazônia sempre foi pauta na historiografia brasileira, desde as primeiras expedições expansionistas, religiosas e, por fim, as científicas. Nesse sentido, encontramos um amplo campo de pesquisa sobre a região e seus habitantes.

Contudo, neste trabalho voltamos nossa atenção para as discussões propostas por autores brasileiros como Lilian Schwarcz que discute em uma de suas obras as instituições científicas que vão se constituindo pelo Brasil entre 1970-1930 incluindo as na região Amazônica. Somada a esse debate dialogamos com Neide Gondim no que se refere a ideia de “Invenção da Amazônia”, de que esse espaço que foi apresentado durante séculos não foi descoberto ou construído, mas inventado cuidadosamente para atender objetivos políticos e econômicos. Podemos nos aprofundar neste debate com o auxílio de Márcio Souza que destrincha a história da Amazônia desde o período Pré-Colombiano ao século 21, e neste podemos observar que a região cumpria/cumprir apenas um papel, o de fonte de recursos exploráveis e que por muitas vezes foi-se negado políticas específicas que visassem de fato leva-la ao progresso, ao contrário está vive em constante situação de abandono, e seus discursos de dominação permanecem mudando apenas os seus autores.

No século 19 vemos que esta invenção parte dos interesses das grande potenciais representadas por seus cientistas, Hideraldo Costa discute alguns desses viajantes que passam pela Amazônia nesse período e de que forma eles tecem suas narrativas e as divulgam pela Europa e

² Cunha, Euclides da. À margem da história. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 25.

EUA, dentre eles Henry Walter Bates que possui uma visão completamente racista e preconceituosa e a expressa em seus textos.

São essas diferentes perspectivas que constituem o conjunto de textos, em sua maioria científicos, que são responsáveis pela invenção da Amazônia que fora apresentada ao mundo Ocidental. Uma região que passava a abrir espaço para razão e não mais para o fantasioso e por esse aspecto que os homens da ciência cumpriram papel fundamental na construção e propagação do imaginário da Amazônia e do ser amazônico, na medida em que seus discursos apesar de representarem apenas uma experiência do vivido são recebidos pelo público como conhecimento supremo, ou seja, como uma verdade absoluta.

Para exemplificar o que discutimos, recorreremos a Neide Gondim (2019, p.13) em sua obra “*A invenção da Amazônia*” que nos aponta:

Contrariamente ao que se possa supor **a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída**. Na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes. [Negrito nosso];

Ao aprofundarmos o estudo sobre essa temática percebemos que esses discursos é construído sobre a ótica das potências imperialistas dos Oitocentos e assim passam a elaborar argumentos que justifiquem a exploração e dominação da região e de seus habitantes, em virtude de seus interesses expansionistas e mercantilistas.

2. A CIÊNCIA NO SÉCULO 19

O século 19 é conhecido como o século do conhecimento. Acreditava-se que era o tempo do progresso e nesse sentido, a ciência era o caminho para alcançá-lo. Motivados pela possibilidade de alcançar o sucesso as expedições partem na procura de novas descobertas que estariam, supostamente, escondidas em lugares “isolados” como a Amazônia.

Hideraldo Costa (2013, pp. 38 3 39) ao analisar o espírito científico que predominava na sociedade do século 19 da Europa diz que:

Os naturalistas estavam, em princípio, mais preocupados em atender às exigências e propósitos profissionais, com os quais estavam diretamente comprometidos, porque lhes ‘caberia classificar, ordenar, organizar em mapas e coleções o que se encontra pelo caminho’ [...] **estavam mais interessados em atender às exigências motivadoras de sua vinda à região do que preocupados em descrever os hábitos, costumes, religiosidades, cultura, relações de trabalho etc. de seus habitantes**. [Negrito nosso];

Isso significa que essa “moda científica” iria resultar em uma variada formação de profissionais que se lançam ao mundo desejando construir fama, pois para participar dos grandes debates que ocorriam nos espaços intelectuais precisariam atender as expectativas de suas respectivas nações que os financiavam. Em nenhum momento a preocupação se voltava a conhecer e compreender as diferenças culturais que encontrariam pelo percurso. Vemos assim sair da Europa diversos profissionais, denominados como homens da ciência, entre eles haviam zoólogos, botânicos, entomólogos, ictiólogos, médicos, geólogos, entomólogos entre outros, membros das ciências naturais.

Tais estudiosos lançam-se pelo mundo carregados de ideias e concepções de mundo bem estabelecidas e sob essas primícias veremos uma ciência que é produzida a partir desses conceitos visando atender as necessidades de determinados grupos em poder, para que estes mantenham sua posição no topo de uma hierarquia social, econômica e política.

Esse discurso científico ao caracterizar o espaço amazônico como atrasado abre prerrogativas para que as nações consideradas modernas aproprie-se dele e possibilite que este seja conduzido ao progresso, sendo essa uma missão/um fardo a ser carregado pelo velho mundo que reconhece as riquezas presentes na área e que se estas não forem moldadas estarão fadadas ao desperdício, ao fracasso.

No que se refere aos habitantes amazônicos, identifica-los como sujeitos selvagens e bárbaros justifica o controle por parte dos homens modernos, na medida em que eles são classificados como indivíduos incapazes de conduzir a região ao progresso que ela necessita e isso se dá por serem, de acordo com os cientistas naturalistas, homens desprovidos de moral e preguiçosos e que em virtude da abundância em que vivem não seguem os padrões de moral e de tempo da sociedade industrial. Ao coloca-los neste papel os europeus e norte-americanos apresentam-se como a salvação para esses habitantes que necessitam de tutela e dos cuidados que somente estes estavam capazes de possibilitar.

Hideraldo Costa (2013, p.43) nos explica essa condenação do ser amazônico, que contribui para a construção de um imaginário que representa a degeneração e o atraso:

Ao pensar o elemento humano dessa maneira, nos leva a concluir que julgavam a natureza amazônica uma obra pronta e acabada, a não ser pelo homem amazônico, que não era sequer digno de explorá-la. Em outras palavras, **a natureza estava pronta, mas o seu habitante não.** [Negrito nosso];

3. O BRASIL NO SÉCULO 19

Pensar a educação no Brasil sempre envolve uma discussão problemática no que diz respeito ao acesso e incentivo, ou seja, está além do campo educacional, compreende ainda questões sociais, econômicas e políticas desde o período colonial até os dias atuais. A educação constitui um privilégio da elite branca masculina. E desde esse aspecto podemos compreender uma cultura de exclusão que começa a se formar, classificando-o os indivíduos de acordo com sua classe social, raça e gênero, hierarquia esta que se espalhará em diversos setores como a política, por exemplo, e impactará nas diferentes realidades de vida existentes no Brasil, incluindo nos habitantes que encontravam-se na isolada Amazônia.

Durante o período colonial veremos um ensino administrado pelos jesuítas que restringia-se ao ensino primário. É só com a chegada da família real, no início do século 19, que este cenário irá passar por mudanças.

Com a chegada de d. João VI e da maior parte de sua corte, vê-se a necessidade da instalação de instituições que sejam espaços de pesquisa e de formação superior. Essa transferência da corte implicava na urgência de preparar a colônia para ser o novo centro do Império. Esse processo irá ter grande impacto na sociedade, como nos explica Lilian Schwarcz (1993, pp. 31-32):

Dotar a colônia de estabelecimentos de ensino não significou, porém apenas um esforço de centralização do poder. Respondia, também, à **situação emergencial vivida pela corte portuguesa no Brasil e aos impasses criados pela decisão apressada e repentina.** [Negrito nosso];

Essas “situação emergencial” mencionada pela historiadora é referente aos impactos, principalmente, na saúde dos brasileiros que vivenciavam uma situação crítica, assolados com doenças contagiosas e a ausência de profissionais capacitados para curá-los.

O Brasil viverá a era das instituições científicas. Contudo, enfatizemos que essas instituições representam um espaço de poder e que o acesso a esses locais eram restringidos aos sujeitos que compunham o grupo que mencionamos anteriormente, de privilegiados.

Em 1808 são construídas escolas de medicina, em decorrência da situação crítica como já mencionamos. Além destas veremos se espalhar pelo Império a criação dos Institutos Históricos e Geográficos, bem como o surgimento do Museu Nacional que, inicialmente, representava apenas um acervo de coleções e curiosidades, mas também auxiliou a ciência na medida em que estimulava pesquisas na área da zoologia e da botânica, que muito ainda tinha a revelar na

imensidão do império.

E é nesse contexto da criação dos IHGs que veremos surgir cada vez mais indagações a serem respondidas. Uma das questões que marca o desenvolvimento da sociedade brasileira é justamente sobre a definição da identidade brasileira que passa a ser discutida nesses espaços com destaque a partir desse período, e era de interesse dos grupos dominantes que essa classificação os priorizassem e aquilo que fosse diferente deveria ser posto como o inferior.

O desafio de definir a identidade brasileira foi intenso e problemático e tal debate permanece sendo assim até os dias atuais. Isso se dá por sermos constituídos de uma mistura intensa entre as raças preta, branca e indígenas, desse modo não é possível classificar o Brasil como uma nação homogênea, mas sim, uma mistura de diferentes povos e culturas. E essa mistura foi extremamente condenada pela maioria dos viajantes naturalistas, que apontavam esse fator como o pior dos males do império, em especial na Amazônia. Ao analisar essas narrativas de viagem, Hideraldo Costa (2013, p. 33) aponta que:

Uma preocupação recorrente, que aparece no conjunto dessas narrativas, é a temática relativa à mestiçagem e aos efeitos produzido por ela. Suas preocupações referentes a essa questão materializam-se de modo muito forte no Atlântico Sul e, de modo específico, no Brasil.

Ainda sobre essa condenação ao ser amazônico e o processo de mestiçagem, em um artigo publicado na *Revista Brasileira de História* por Lorelai B. Kury (2001) intitulado “*A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil*” a autora discute como essa expedição apontava preocupações com relação aos processos de cruzamento das raças, acreditando que desse processo só seriam repassados os defeitos de cada raça e isso significaria um aumento da população inferior, desprovida de moral e preguiçosos.

São essas e outras discussões que ocuparam os espaços dentro desses institutos científicos, que analisam, criam teorias e classificam o que encontram pelos trajetos que fazem os cientistas. Por isso é possível compreender a importância desses espaços de produção de conhecimento da época, bem como as discussões que ganhavam destaque no Brasil. Tal pensamento é reafirmado através do seguinte trecho da obra “Uma Breve História do Brasil”:

Em meados do século XIX, a capital do Império viu **surgir uma nova moda cultural**: a de procurar vestígios de antigas civilizações que teriam existido no interior do Brasil antes da chegada de Cabral. Tais incursões, promovidas pelo **prestigiado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, ou, mais sucintamente, IHGB, não eram organizadas por lunáticos, mas sim por **renomados intelectuais da época** que contavam, inclusive, com o apoio do governo imperial (DEL PRIORE, M; VENANCIO, R. 2016 p. 170) [Negrito nosso];

O Brasil viverá um período marcado não mais por histórias fantasiosas, mas por informações que são resultados de estudos científicos realizados por homens conceituados no campo educacional. As dúvidas seriam respondidas e os problemas solucionados pelos homens da ciência. Essa ideia de responder as perguntas que todos se faziam estimulavam as diversas expedições que se espalham pelo interior, expedições essas muitas vezes financiadas por governos de suas pátrias e até do Brasil. Afinal, não só o império brasileiro, mas o mundo vivia o que o historiador Hideraldo Costa chama de “*A nova era, marcada pelo racionalismo [...]*”³. E é esse racionalismo científico que embarcará no Rio de Janeiro (capital do império) em direção à Amazônia brasileira para desvendar os mistérios que a região escondia em meio a selva.

4. QUANDO A CIÊNCIA CHEGA NA AMAZÔNIA

Nos oitocentos a ideia de conquista ainda não havia sido extinta, mas a ciência começava a ganhar mais evidência, especialmente no que diz respeito ao estudo das ciências naturais. E é por isso que a Amazônia começará a representar um laboratório vivo, ou como Hideraldo Costa (2013, p. 25) chama, o “*Paraíso dos Naturalistas*”. Aqueles que viajavam pelo curso do Amazonas não eram mais exploradores ou religiosos, mas homens da ciência.

Os cientistas que chegavam na Amazônia traziam nos navios suas bagagens intelectuais, com interpretações próprias sobre as diversas temáticas. Kassiane Albuquerque (2013, p. 35) nos alerta que,

[...] não podemos nos esquecer de que ao trabalharmos com os viajantes naturalistas temos que **entende-los dentro do contexto de sua época**, mesmo que nossas motivações, para pesquisa sejam problemas e inquietações do nosso tempo presente. [Negrito nosso];

E para compreendê-los de acordo com o contexto em que estavam inseridos precisamos refletir sobre os motivos que os trouxeram a terras tão distantes de sua pátria. Cronologicamente, voltemos ao século 17.

Nesse período a expansão colonial na região foi oficializada, ou seja, o processo de conquista do “Novo Mundo” estava em curso, e desse mundo a ser explorado a Amazônia era uma parte intrigante que guardava inúmeros segredos. Dona de uma natureza exuberante e

³ COSTA, Hideraldo. *Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia: Discurso dos Viajantes – Século 19*. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2013, p. 28.

assustadora, de uma população intrigante e fonte inspiração para a origem de mitos e lendas que enchiam os olhos e ouvidos dos curiosos espalhados pelo mundo. Essa era a Amazônia que abria espaço para o fantasioso, para as buscas pelo “Paraíso Perdido”, pela caçada a fonte da juventude ou pelas histórias que atravessam os oceanos sobre as bravas guerreiras Amazonas.

Posteriormente, esse espaço da fantasia será questionado. Era tempo de registrar um conhecimento verdadeiro, de organizar o que era visto e de classificar o que se encontrava no caminho. Era tempo de produzir legitimados pela razão, pela ciência. E para isso, segundo Lorelai B. Kury(2001) no artigo *“Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem”*:

A viagem é em geral considerada pela história natural como uma das etapas necessárias para a transformação da natureza em ciência. Muitas vezes o coletor e o sistematizador não são a mesma pessoa. Ou seja, para a história natural realizada nas instituições europeias, ver com os próprios olhos não é necessário. Daí a importância que adquirem as instruções para as viagens científicas e a formação de profissionais de diversos tipos [...].

São esses profissionais variados quem irão coletar, conservar e empalhar as amostras que serão levadas para o novo mundo.

Esse novo olhar, um olhar treinado e permeado de racionalidade vai ser responsável por inventar uma Amazônia como local de atraso. Dessa forma, a ciência trazida por esses estrangeiros irá construir um imaginário sobre a região que, posteriormente, legitimará ações para uma nova colonização.

Na medida em que olham, classificam e ordenam o espaço e os habitantes de acordo com ideias expansionistas e mercantilistas passam a se colocar como agentes colonizadores diante de seres que precisariam de tutela, de cuidados. A análise e a escrita sobre a região não ocorrerá de forma neutra. Ao contrário, tudo o que é apresentado sobre o local visa atender interesses políticos e econômicos das grandes potências do século 19.

Essa noção de atraso empregada sob o ser e o espaço amazônico justificarão a imposição da tecnologia sobre a natureza. Um exemplo sobre esse aspecto é construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré⁴, um empreendimento de grande porte no meio da selva que não contou

⁴ Francisco Hardman na obra *“Trem Fantasma: a Modernidade na Selva”* (1998), irá discutir o processo de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Neste, poderemos compreender como os interesses pela região vão além do cunho científico, mas tratam-se, sobretudo, de interesses políticos e econômicos. O acesso à região nesse período era difícil, a viagem pelos rios duravam dias, semanas e até meses. A natureza era quem determinava a viagem, prova disso é que em alguns casos cientistas chegaram a perder parte do material coletado em naufrágios. E reconhecendo a imensidão em recursos naturais era preciso pensar formas de comunicação rápida e segura com a região, por isso defendem a importância de da construção de uma estrada de ferro que possibilite o acesso e o escoamento de produtos presentes na floresta. Tal empreendimento não obtém êxito, as dificuldade vão desde a mão de obra já que

apenas com a resistência do homem local, mas também da natureza que não propiciava a conclusão da obra. Outro claro exemplo da chegada da ciência na floresta é a criação do Museu Paraense Emilio Goeldi - MPEG, que inclusive realizou publicações científicas em seu “Boletim do Museu Nacional Paraense de História Natural e Etnografia”. Contudo, é importante ressaltar que essa ciência que adentra o meio da floresta amazônica é trazida por cientistas estrangeiros, para os cientistas nacionais a região ainda era um local a ser desbravado que não lhes atraía. Como bem exemplifica Lilian Schwarcz (1993, p. 115).

Por outro lado, a importância científica do museu, nesse momento, estava mais atrelada à lógica dos centros do exterior do que a uma efetiva produção intelectual local. Abrigo seguro para os viajantes que chegavam do estrangeiro sem qualquer familiaridade, entreposto para a troca de coleções preciosas, o museu cumpria também essa função interna ao mundo dos museus.

Pode-se considerar a ausência de cientistas nacionais como um dos fatores que influenciou na implementação de um discurso colonizador camuflado de ciência na Amazônia. Pois o que era produzido, era feito a partir do olhar do estrangeiro que nada tinha a ganhar ao valorizar a região. O objetivo era desqualificar e desumanizar a região para então se apresentar como a solução dos problemas. Os homens da ciência seriam os heróis da floresta, os únicos capazes de levar a civilização, modernidade e progresso para uma área tão selvagem que apresentava tantos recursos constantemente desperdiçados, segundo a ótica europeia.

Esse progresso não era baseado apenas nos interesses científicos, além de responder as inquietações sobre a origem das espécies, por exemplo, esses estudos visavam ainda aumentar *“influência política e econômica de seus países de origem às regiões visitadas”* (ALBUQUERQUE, 2013, p. 35).

Esses cientistas irão inventar uma Amazônia baseada nos princípios do Velho Mundo, o que significa que não reagem inertes ao que veem, mas que ao ver automaticamente julgam, ordenam e classificam. É por meio desse olhar que compara e condena que o europeu se denominará como superior e apontará os povos amazônicos como inferiores.

Como temos discutido esse século é marcado pela razão, e para comprovar o que encontravam nessas regiões por onde passavam os intelectuais usavam de alguns recursos dentre

os habitantes locais possuíam uma noção de trabalho diferente da existente na sociedade capitalista e se recusavam a trabalhar em troca de pagamentos. Além da natureza também resistir a esse processo, pois o clima e o solo ditavam o que poderia ser construído e quando poderia ser feito, alguns trechos tiveram que ser refeitos devido a deslizamentos ou até pela “invasão” das plantas sobre suas estruturas. Além dessas questões, esse é ainda um claro exemplo da negação ao ser e ao espaço amazônico, apesar das diferentes formas de enfrentamentos a esse empreendimento, os ditos “homens civilizados” continuarão tentando executá-la, chegando a custar vidas dos povos indígenas que habitavam nos trajetos por onde esses trilhos da modernidade passaria.

eles as ilustrações/pinturas para descrever os homens, as plantas e os animais. Contudo, é importante analisarmos que essas produções são uma representação do que era visto, não podemos tomá-las como conhecimento supremo.

Posteriormente, contarão com o auxílio de fotografia que também são uma representação do vivido, na medida em que o fotógrafo escolhe o quê e como registrar, mas que na época era considerada isenta de subjetividade, ou seja, poderia revelar a realidade tornando-se uma prova científica fundamental incontestável. A expedição que contasse com este profissional teria grandes chances de obter sucesso.

Esses recursos fortalecem o imaginário preconceituoso e racista sobre a região e seus habitantes. A constituição de um discurso cientista que anda ao lado de ideias morais e religiosas do Ocidente servirá de aporte para a definição de hierarquias sociais e econômicas, no Brasil e em especial na Amazônia. E essas classificações serão usadas como argumentos para a difusão de ideias racistas, eugênicas e excludentes que permanecem presentes no século 21 e seguem sendo combatidas através de diversas formas de resistência.

O discurso que permeia os diferentes países sobre a Amazônia será, portanto, fruto de informações cuidadosamente selecionadas e organizadas por seus intelectuais da época que negam o espaço e o homem da floresta amazônica.

Nota-se que a escrita sobre o local irá se converter em um mecanismo de dominação moderno utilizado pelas potências industriais que buscavam novos argumentos para justificar o controle e exploração de áreas que pudessem lhes garantir algum lucro. Isso se dá com certa facilidade porque tais textos são recebidos como verdades absolutas por aqueles que estavam na outra margem do oceano e acreditavam nos relatos fielmente afinal, eram produzidos pelos grandes intelectuais de seus países e financiados pelo Estado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as diversas expedições científicas que passam pela Amazônia durante do século 19, veremos a produção de muitas obras contendo diversos temas, desde o estudo da natureza como o estudo do homem amazônico.

Essa vasta produção que se constrói é fortemente divulgada na Europa e nos Estados Unidos, contribuindo na construção de um imaginário do espaço e da população da floresta

Amazônica. Essa interpretação irá ignorar a diversidade populacional da região, suas culturas⁵, modos de se relacionar e de interação com a natureza. Também é deixado de lado a visão de mundo presente na região, tecem discursos sem considerar as noções de tempo, moral e trabalho desses sujeitos. As interpretações são escritas partindo da ideia de um mundo industrial e capitalista, que nada tinha a ver com o que encontraram durante suas passagens.

Esse discurso científico, portanto, passava a agir como um meio para reforçar a ideia de que a intervenção do homem branco era imprescindível na Amazônia, pois os habitantes locais não eram capazes de desenvolvê-la e alcançar o progresso esperado para uma região tão rica.

Ao pararmos para analisar, percebemos que a invenção de um “homem branco herói” é um aspecto comum nos processos de colonização das Américas, onde o estrangeiro que chega na nesses locais já habitados e com sociedades bem definidas alega que sua cultura e modos de vida são superiores aos existentes no local. Na sequência, passa a caracterizar esses indivíduos como “o outro” e este representa um sujeito inferior.

Esses processos tornar-se-iam as justificativas necessárias para a implementação de ações colonizadoras objetivando um bem maior que seria a presença do progresso no meio dessa imensa floresta tropical.

Tais intelectuais, ao promoverem em seus relatos científicos a ideia de que eram a salvação que a região precisava tornam esses documentos em uma arma de dominação. Na medida em que deixam de representar apenas um material de estudo científico e passam a significar um novo método de se impor sobre outra sociedade. É por meio da escrita que o discurso colonizador adentra os confins da Amazônia durante o século 19 e se utiliza deste para dominar a natureza e o ser amazônico na promessa de um avanço modernizador que transformaria a Amazônia na sua melhor versão.

⁵ Em decorrência dessa discussão acreditamos ser importante não finalizar esse trabalho sem explicar como entendemos o conceito de cultura nesse estudo e assim poder dar continuidade a essa análise. Para isso, recorremos a alguns autores como Edward Palmer Thompson (1981, p. 189) e Raymond Williams (1979, p. 25), buscando exemplificar de que forma estes compreendem cultura, sendo esta vista: *“Como um processo social constitutivo, que cria ‘modos de vida’ específicos e diferentes que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material, foram por longo tempo irrealizadas, e com frequência substituídas na prática por um universalismo abstrato unilinear”*. Vemos na Amazônia esse diversidade que é construída por meio das interações sociais de diferentes povos sendo negada pelo homem branco europeu que as interpreta como um grupo homogêneo cujo costumes são bárbaros e imorais. O discurso científico que chega na Amazônia é, portanto, carregado de preconceitos.

REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Louís; AGASSIZ, Elizabeth. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia Maria. **Literaturas e Amazôniaas: colonização e descolonização**. Rio Branco: Nepan Editora, 2015, 288p.

ALBUQUERQUE, Kassiane Nascimento da Silva. **Paisagem e representação: a Amazônia nos relatos do casal Agassiz (1865-1866)**. 120p. Dissertação de (Mestrado em Geografia), Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

BATES, Henry Walter. **O Naturalista no Rio Amazonas**. Trad. Candido de Mello Leitão. Vol. 1 São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944.

_____. **Um Naturalista no Rio Amazonas**. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa**. 197p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

COSTA, Hideraldo. **Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia: Discurso dos Viajantes – Século 19**. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2013.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. 2. Ed. – São Paulo: Planeta, 2016.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 3.^a edição. Organização: Tenório Telles. – Manaus: Editora Valer, 2019.

KURY, Lorelai B. **A sereia Amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº41, p.157-172. 2001.

KURY, Lorelai B. **Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem**. Revista Brasileira de História. São Paulo, p.863-877. 2001.

LIMA, Carla Oliveira de. **Natureza, Cultura e Imaginário nos relatos de Alfred Russel Wallace, Louis Rodolph Agassiz e Elizabeth Cabot Cary Agassiz**. 200p. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Trad. Jézio Guitierre – Bauru, SP: EDUSC, 1999.

REDEZENDE, Tadeu Valdir Freitas de. **A conquista e a colonização da Amazônia**

brasileira no período colonial: a definição das fronteiras. 353p. Dissertação (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** O Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia:** do período pré-colombiano aos desafios do século XXI. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

TODOROV, Tzevan. **A conquista da América:** a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone-Moisés – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WALLACE, Alfred Russel, 1823-1913. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro.** Trad. Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. 630 p. -- (Edições do Senado Federal; v. 17).

Data de submissão: 30/03/2021

Data de aprovação: 27/05/2021